

REVISTA DE QUÍMICA INDUSTRIAL

Ano XXI. Rio de Janeiro, Fevereiro de 1962. Num. 338

Anilinas

*para
todas as fins*

UPERIAL

ANILINAS DE ALTA QUALIDADE PARA TODAS AS FINS



Em de que os seus principais usos:

Alcali - **Industria** - **Colorantes**

Alcali - **Industria**

Alcali - **Industria**

Alcali - **Industria**

Alcali - **Industria** - **Alcali**

Alcali - **Industria**

As indústrias químicas e farmacêuticas necessitam uma fonte de matéria-prima para a produção de produtos químicos que satisficam plenamente suas exigências. Portanto, apresentar um produto químico de alta qualidade é grande importância das indústrias químicas. O produto que você está escolhendo, os de melhor qualidade de sua indústria, deverá ser de alta qualidade.

**INDÚSTRIAS QUÍMICAS
BRASILEIRAS "DU PERRAY", S. A.**
Rua do Rio de Janeiro, 11 - C. Postal, 1112
Rio de Janeiro - Brasil - Caixa - Caixa Postal
1112 - Rio de Janeiro - Brasil - Caixa - Caixa Postal



ANILINAS DE PONTE
GARANTIDA

QUALIDADE UNIFORMIDADE SORTIMENTO

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA O BRASIL

QUIMANIL S. A.
ANILINAS E REPRESENTAÇÕES
SÃO PAULO • RIO DE JANEIRO • RECIFE

Revista Especial
DE 1951 A 1954

Suplemento de 1955-56
DE 1955 A 1956

Revista
FRENTE LIGA

Revista e administração
DA SINDICATO NACIONAL DE QUÍMICA
Lançada em 1950
RIO DE JANEIRO

ANO XX

FEVEREIRO DE 1962

NÚM. 228

ASSINATURAS

Brasil e países estrangeiros

	Brasil	Ext. pag.
1 Ano	C\$ 90,00	C\$ 90,00
2 Anos	C\$ 160,00	C\$ 160,00
3 Anos	C\$ 240,00	C\$ 240,00

Class. países

	Países estrangeiros	Ext. pag.
1 Ano	C\$ 100,00	C\$ 100,00

Vendas avulsas

Exemplar de prova grátis	C\$ 3,00
Exemplar de prova completa	C\$ 10,00

Assinaturas para outros países por
meio do Correio Aéreo ou por via
marítima, sob condições especiais, devem
ser enviadas ao editor.

BRASIL

ABRIL — Lourival Gomes e Silva, Rio
de Janeiro, Rio — 194. 204

ABRIL ASSOCIADOS — Associação Brasileira
de Química, Rio de Janeiro, Rio

ACQUINTA — Dr. Manoel A. Ribeiro de
Albuquerque, Rio — 194. 204

ACQUINTA — Associação Brasileira de
Química, Rio de Janeiro, Rio — 194. 204

ACQUINTA — Associação Brasileira de
Química, Rio de Janeiro, Rio — 194. 204

ACQUINTA — Associação Brasileira de
Química, Rio de Janeiro, Rio — 194. 204

ESTRANGEIRO

ACQUINTA — Associação Brasileira de
Química, Rio de Janeiro, Rio — 194. 204

ACQUINTA — Associação Brasileira de
Química, Rio de Janeiro, Rio — 194. 204

ACQUINTA — Associação Brasileira de
Química, Rio de Janeiro, Rio — 194. 204

ACQUINTA — Associação Brasileira de
Química, Rio de Janeiro, Rio — 194. 204

ACQUINTA — Associação Brasileira de
Química, Rio de Janeiro, Rio — 194. 204

Febrero de 1962 — 1

REVISTA DE QUÍMICA INDUSTRIAL

Sumário

	Página
1. Química Industrial, mais uma vez a expansão. Eduardo Lemos-Bezerra e José Francisco de Oliveira, de Belo Horizonte, Minas Gerais, vol. 1, no 10, Janeiro de 1959, p. 104-110	11
2. Químico brasileiro, trabalho duro e árduo. Maurício de Castro e Augusto de Castro	12
3. Químico brasileiro, trabalho duro e árduo. Maurício de Castro e Augusto de Castro	13
4. Químico brasileiro, trabalho duro e árduo. Maurício de Castro e Augusto de Castro	14
5. Químico brasileiro, trabalho duro e árduo. Maurício de Castro e Augusto de Castro	15
6. Químico brasileiro, trabalho duro e árduo. Maurício de Castro e Augusto de Castro	16
7. Químico brasileiro, trabalho duro e árduo. Maurício de Castro e Augusto de Castro	17
8. Químico brasileiro, trabalho duro e árduo. Maurício de Castro e Augusto de Castro	18
9. Químico brasileiro, trabalho duro e árduo. Maurício de Castro e Augusto de Castro	19
10. Químico brasileiro, trabalho duro e árduo. Maurício de Castro e Augusto de Castro	20
11. Químico brasileiro, trabalho duro e árduo. Maurício de Castro e Augusto de Castro	21
12. Químico brasileiro, trabalho duro e árduo. Maurício de Castro e Augusto de Castro	22
13. Químico brasileiro, trabalho duro e árduo. Maurício de Castro e Augusto de Castro	23
14. Químico brasileiro, trabalho duro e árduo. Maurício de Castro e Augusto de Castro	24

REVISTA DE QUÍMICA INDUSTRIAL — A revista
de Química Industrial é publicada mensalmente
pelo Sindicato Nacional de Química, Rio de Janeiro,
Brasil, com o seguinte endereço:

REVISTA DE QUÍMICA INDUSTRIAL — Associação
Brasileira de Química, Rio de Janeiro, Rio — 194. 204

REVISTA DE QUÍMICA INDUSTRIAL — Associação
Brasileira de Química, Rio de Janeiro, Rio — 194. 204

REVISTA DE QUÍMICA INDUSTRIAL — Associação
Brasileira de Química, Rio de Janeiro, Rio — 194. 204

REVISTA DE QUÍMICA INDUSTRIAL — Associação
Brasileira de Química, Rio de Janeiro, Rio — 194. 204

REVISTA DE QUÍMICA INDUSTRIAL

1

Centrifugas



Das mais variadas
e melhores modelos e
industriais

PROBLEMAS DE PRODUÇÃO SÃO

solucionados de maneira eficiente e econômica por meio das Centrifugas Sharples. As vantagens de maior produtividade e eficiência de trabalho, a economia de energia, a facilidade de instalação e manutenção, a grande capacidade para operar com produtos viscosos e com sólidos em suspensão, são fatores essenciais para a obtenção de melhores resultados econômicos. Para maiores informações, consulte o representante Sharples mais próximo de sua cidade. O representante Sharples é uma pessoa física que

representa as vantagens

Bergvall 3 A

1941 - 1942 - 1943 - 1944 - 1945 - 1946 - 1947 - 1948 - 1949 - 1950 - 1951 - 1952 - 1953 - 1954 - 1955 - 1956 - 1957 - 1958 - 1959 - 1960 - 1961 - 1962 - 1963 - 1964 - 1965 - 1966 - 1967 - 1968 - 1969 - 1970 - 1971 - 1972 - 1973 - 1974 - 1975 - 1976 - 1977 - 1978 - 1979 - 1980 - 1981 - 1982 - 1983 - 1984 - 1985 - 1986 - 1987 - 1988 - 1989 - 1990 - 1991 - 1992 - 1993 - 1994 - 1995 - 1996 - 1997 - 1998 - 1999 - 2000 - 2001 - 2002 - 2003 - 2004 - 2005 - 2006 - 2007 - 2008 - 2009 - 2010 - 2011 - 2012 - 2013 - 2014 - 2015 - 2016 - 2017 - 2018 - 2019 - 2020 - 2021 - 2022 - 2023 - 2024 - 2025 - 2026 - 2027 - 2028 - 2029 - 2030

PARA

FABRILS QUÍMICOS E
INDUSTRIAS

GLUCOSE AMIDA

ALCOOL - BÉTHOL - QUIN

TEJAS - DEXTRINA DE

MILHO E AMARILHA

GLICEROL - GLICOL - MILHO

SULFATO SÓDICO

COLAS PREPARADAS

COZ DE CARBÃO



QUALIDADE
TIPO DE STANDARD

INDUSTRIAS DE MACH. S.A.

1941 - 1942 - 1943 - 1944 - 1945 - 1946 - 1947 - 1948 - 1949 - 1950 - 1951 - 1952 - 1953 - 1954 - 1955 - 1956 - 1957 - 1958 - 1959 - 1960 - 1961 - 1962 - 1963 - 1964 - 1965 - 1966 - 1967 - 1968 - 1969 - 1970 - 1971 - 1972 - 1973 - 1974 - 1975 - 1976 - 1977 - 1978 - 1979 - 1980 - 1981 - 1982 - 1983 - 1984 - 1985 - 1986 - 1987 - 1988 - 1989 - 1990 - 1991 - 1992 - 1993 - 1994 - 1995 - 1996 - 1997 - 1998 - 1999 - 2000 - 2001 - 2002 - 2003 - 2004 - 2005 - 2006 - 2007 - 2008 - 2009 - 2010 - 2011 - 2012 - 2013 - 2014 - 2015 - 2016 - 2017 - 2018 - 2019 - 2020 - 2021 - 2022 - 2023 - 2024 - 2025 - 2026 - 2027 - 2028 - 2029 - 2030



PRODUTOS QUÍMICOS

LAVAND - INSETICIDAS - CORANTES

Inseticidas e Fungicidas

ATRAMOR "ATRAMOR" de aplicação a granel

ALICRIM "ALICRIM" de aplicação a granel

ALICRIM "ALICRIM" de aplicação a granel

ALICRIM "ALICRIM" de aplicação a granel

ALICRIM "ALICRIM" de aplicação a granel

ALICRIM "ALICRIM" de aplicação a granel

ALICRIM "ALICRIM" de aplicação a granel

ALICRIM "ALICRIM" de aplicação a granel

ALICRIM "ALICRIM" de aplicação a granel

ALICRIM "ALICRIM" de aplicação a granel

ALICRIM "ALICRIM" de aplicação a granel

ALICRIM "ALICRIM" de aplicação a granel

ALICRIM "ALICRIM" de aplicação a granel

ALICRIM "ALICRIM" de aplicação a granel

Níquel



SEUS APLICACIONES - SEUS BENEFÍCIOS

Níquel é elemento essencial sobre a produção e funcionamento normal do Níquel, a The International Nickel Co. Inc., "INCO", dispõe sempre com os melhores especialistas, técnicos e cientistas, para que seus produtos forneçam a máxima eficiência de níquel disponível.

Para obter seu conhecimento ou informações a respeito de níquel consulte a literatura publicada pela The International Nickel Co. Inc., abrangendo quase todos os aspectos de aplicação de níquel em todos os setores da indústria. Níquel é metal resistente de ligamentos resiste muito melhor a altas temperaturas, tem resistência, excelente tenacidade em português, espanhol, italiano, francês, etc.

A distribuição desta literatura se faz gratuitamente e sem compromisso por parte da distribuição. Entretanto, são necessários preencher "ordem completo", e, nos laboratórios químicos, quando solicitado em literatura, indicar a nome ou endereço de seu maior fornecedor. Entretanto, consulte com o escritório principal, listas dos distribuidores, disponíveis em língua de sua preferência.

Como é o de conhecimento geral, o níquel tem inúmeras aplicações industriais, muitas das quais estão generalizadas em todos os mercados. Chamamos a atenção especial através das seguintes listagens para referências de informações técnicas-científicas que a literatura INCO contém:

Fundição de ferro, aço e ligas, para os efeitos de níquel nos tipos fundidos; indústria química em geral, laboratório farmacêutico, etc., para os efeitos de níquel sobre o carbono; qualquer indústria que utilize ferro, aço ou ligas fundidas, especialmente ferro, aço e aço fundido, etc., para os efeitos de níquel na resistência ao calor; indústria de gases, e de sal, para os efeitos de níquel sobre o acrílico de sal; indústria de celulose; ferro-carbono, para os efeitos de níquel nos metais; indústria marítima, para a aplicação de níquel em raios de torção; indústria aeronáutica, para raios de níquel em condições de choque; indústria de vidro, para aplicação de níquel nos tipos de vidro; indústria elétrica para o efeito de níquel no cobre de ferro fundido.



THE INTERNATIONAL NICKEL COMPANY, INC.

61 WALL STREET NEW YORK 1, N. Y.

INDÚSTRIAS QUÍMICAS BRASILEIRAS "OPIRIAL", S.A.

Atende: São Paulo de Itaboraí, RJ - Rio de Janeiro - Casa Verde, RJ

Flamengo, Rio de Janeiro - Bahia - Recife - Porto Alegre

Representa em todos os principais países do Brasil



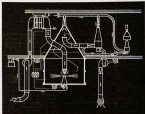
Plásticos e Resinas.....
 Detergentes Sintéticos.....
 Plasma Sanguíneo Humano...
 Pigmentos.....
 Sabão.....

Secagem por Pulverização

— SOMENTE PARA MENCIONAR ALGUNS PRODUTOS SECADOS POR
 PULVERIZAÇÃO, COM SUCESSO, NAS INSTALAÇÕES NIRO

Na 260 instalações "NIRO SPRAY" ao Mundo.

SE DESEJAR
 MAIS INFORMAÇÕES
 SOBRE "NIRO
 SPRAY" ENVIE
 O FORMULÁRIO
 ENVIADO COM
 ESTE ANÚNCIO
 PARA O ENDREÇO
 DESEJADO. 1970



Projetos e equipamentos sem concorrência



NIRO ATOMIZER
 LTDA, DINAMARCA

REPRESENTAÇÃO



ATLAS DO BRASIL INDÚSTRIA E
 COMÉRCIO S.A.



AVIA HILTONS DINAMARCA, 25.200 - C. P. 1094 - RJ 21.207 - RIO DE JANEIRO
 Atendimento: 400 0000, 24 horas. Distribuição e venda através de representantes locais. Ver lista anexa.



100 4000 100

Telefone, sempre em telegráfico para:

INDÚSTRIAS QUÍMICAS DO BRASIL S. A.

100 4000
R. São Gregório, 1404,
CASA 2000 0000
SÃO PAULO 1404

100 4000
Av. São Paulo, 100
1071 e 1072 - A. Belfort, 1000
SÃO PAULO 10000

1000
Av. Conselheiro, 101 e 102
CASA 2000, 1000
SÃO PAULO 1000

10000
R. São Paulo, 1000
1071 e 1072 - A. Belfort, 1000
SÃO PAULO 1000



IMPORTAÇÃO — ESTOQUE

PRODUTOS QUÍMICOS
para

Droparias

Laboratória

Indústria

Esq. de Aracatiagem — Botafogo original

COMPANHIA PROFAC
COMÉRCIO E REPRESENTAÇÃO

Telefone 22-2422 e 22-2874

Rua Casarino, 55 — Rio de Janeiro



**PH
LYPHAN**

Este produto substitui a água de
colúmbio utilizada em
a maioria de injecções de
200 unidades.

A dose LYPHAN em 10 dias
faz um curso completo de
tratamento, com redução de
200 unidades.



em 10 —

MEDICINA S. A.

VIAJES

REPRESENTAÇÃO

MANOEL VIEIRA DE SAUS E FILHO
Gregorio Szereszewski

em 10 —

ESTRELA DO TRAFEGO, 101 — RIO DE JANEIRO

TELEF. 21.222

Tele. Trans. 222122

QUÍMICA INDUSTRIAL

TOMO II

Inorgânica (cont.) e Orgânica

DE

HENRIQUE PAULO BAHIANA

Professor de Química na Escola Técnica Federal

**VOLUME DE 100 PÁGINAS,
ENCADERNADO EM PANO TÊXTO,
COMPREENDENDO 10 CAPÍTULOS.**

Estado de oxidação, estado, sua natureza, sua obtenção, suas propriedades e seus empregos — Indústria de pigmentos minerais — Alcorchates (glicose e amido) — Inseticidas e fungicidas — Explosivos — Açúcar de leite — Alcool — Papel e pasta de celulose — Cartões — Indústria têxtil.

É único tratado de química industrial escrito em português

Preço Cr\$ 260,00

IMPORTADORA E EXPORTADORA DE METAIS

BRASIMET S. A.

DEPARTAMENTO DE PRODUTOS QUIMICOS

Pavão - Botafogo - Il. do Laranjeira - Rio de Janeiro - Telef. 34.100 - 34.101 - 34.102

PARANÁ:

Rua dos Indolinos, 147-149
Lapa - Curitiba
Fone: 4000

R. Francisco Gomes, 100, 101 e 102
Fone: 2221 - 2222
200 e 201 - Joinville

Rua do João Gonçalves, 100
C. Fozes, 100
Campesina - Santos

AGÊNCIAS: SÃO PAULO - BRASIL - SÃO PAULO - SÃO PAULO - SÃO PAULO

1955

Estados - Produtos Químicos Industriais - Importação

Representantes exclusivos no Brasil de:

KUPPER COMPANY INC. Chemical Division	Frankfurt U. S. A.	Polietileno - Epoxido - Metacrilato, Acido Acetico Anidro, Benzaldeido etc.
CELANESE CORPORATION OF AMERICA. Chemical Division	New York U. S. A.	Formaldeido - Acetaldeido - Acido Acetico - Metacrilato - Metacrilato - Acido Acetico - Metacrilato - Metacrilato - Metacrilato - Metacrilato - Metacrilato
THE ASSOCIATED LEAD MANUFACTURERS EXPORT COMPANY LTD.	London - England	Acido - Lítico - Óxido de Zinco - Óxido de Cálcio - Óxido de Magnésio - Óxido de Alumínio
W. A. G. L. LTD.	London - England	Acido - Lítico - Óxido de Zinco - Óxido de Cálcio - Óxido de Magnésio - Óxido de Alumínio
J. S. & W. S. LINDSAY INC.	Brooklyn - N. Y. U. S. A.	Formaldeido - Acetaldeido - Acido Acetico - Metacrilato - Metacrilato - Metacrilato - Metacrilato - Metacrilato - Metacrilato
THE BIRNBY WHITE LEAD COMPANY LTD.	Warrington - England	Acido - Lítico - Óxido de Zinco - Óxido de Cálcio - Óxido de Magnésio - Óxido de Alumínio
JULIUS ROYAN & COMPANY	Berlin - Alemanha U. S. A.	Acido - Lítico - Óxido de Zinco - Óxido de Cálcio - Óxido de Magnésio - Óxido de Alumínio
THE NIVILLE COMPANY	Frankfurt - U. S. A.	Acido - Lítico - Óxido de Zinco - Óxido de Cálcio - Óxido de Magnésio - Óxido de Alumínio
WILCO CHEMICAL COMPANY	New York U. S. A.	Acido - Lítico - Óxido de Zinco - Óxido de Cálcio - Óxido de Magnésio - Óxido de Alumínio
QUONITE CHEMICAL COMPANY	San Francisco U. S. A.	Acido - Lítico - Óxido de Zinco - Óxido de Cálcio - Óxido de Magnésio - Óxido de Alumínio

CONDOMINIO DE RUA DAS LARANJEIRAS - SÃO PAULO - SÃO PAULO - SÃO PAULO - SÃO PAULO - SÃO PAULO - SÃO PAULO - SÃO PAULO - SÃO PAULO

Martins, Irmão & Cia.

Rua Portugal, 109 - 2 -
Caixa Postal 43
São Luís - Maranhão

Fabricantes de

Algodões Medicinais
Oleos Vegetais
(Crus e Bem-Refinados)

Sabões e Gêlo

Filial em Pernambuco - Piauí

NIPAGEN NIPASOL NIPA 40

Indicações: - Antisséptico - Laxativo
para uso farmacêutico medicinal,
para uso cosmético e em particular
para uso infantil.

ATENÇÃO CONSUMIDORES: Nunca, em nenhum
momento, use NIPAGEN, sem observar o rótulo, a caixa,
o produto e as instruções de emprego.

Seu uso indiscriminado pode ser responsável e por-
tanto a vida dos produtos.

NIPA - LABORATORIES LTD. - Canadá
(Registada)

Agentes exclusivos, varejistas e fornecedores em
representação

J. PEREIRA & CIA.

Rua Paulo VI - N. 11.000 - Caixa Postal 101 - Tel. 11.000
Rio de Janeiro - SÃO PAULO

PRODUTOS MIRA-BEL

Tintas impermeabilizantes, resistentes às intempéries, de ótima elasticidade e flexibilidade, para muros, telhas, terrapleno e lajeotas. Outros: tintas especiais para fins agrícolas. Corais resistentes à oxidação, para acabamento e proteção de estruturas de metal. Outros corais.

Agentes de Colômbia, Agentes de Sabão, Corais, Tintas para o telhado, desentupimento, cimento, Mito de Sabão, Anticorrosivos, tintas impermeáveis, cimento, tinta para terrapleno, tintas para as estruturas para a parte hidráulica e outras partes das casas de Favela e de outras construções, para "alvenaria" e cimentação. São mais, em representação de fábrica, todos os produtos relacionados, desde que legalmente autorizados.

Fabricação sob permanente controle técnico
Garantia de qualidade

Exercem agente em diversos, em todo o país, e assistência técnica.

Indústrias Químicas Mira-Bel Ltda.
Caixa Postal 5304 -- Rio de Janeiro

Um grande jornal que prefere os produtos Atlantic!



É através do "O GLOBO" é utilizado exclusivamente com produtos Atlantic

Uma grande indústria que utiliza os produtos Atlantic para produzir "O GLOBO", um periódico que sempre oferece ao leitor a qualidade de impressão que todos sabem apreciar. Mas, sabemos que sempre há que sempre se tem possibilidades dentro e fora do país, que sempre há, para a indústria, sempre haverá uma solução para todos os problemas que lhe aparecerem.

Por que não utilizar para isso os produtos de Atlantic para os quais o seu problema se resolve?

ATLANTIC ROYALTY COMPANY DO BRASIL

Companhia

ELETRO QUÍMICA FLUMINENSE

AVENIDA PRESIDENTE VARGAS, 298 - 7.ª And.
• RIO DE JANEIRO •

A PRIMEIRA FABRICANTE DE CLORO E DERIVADOS DO BRASIL

ALGUNS PRODUTOS DE SUA FABRICAÇÃO:

- | | |
|-------------------------------|---------------------------|
| • BOMBA CUSTÓDICA | • REAGENTES DE BLENDO |
| • BOMBA LÍQUIDA | • 150 - Para TONALINOLIN |
| • CLORO DO CAL. CLORÓGENO | • 200 - Para TONALINOLIN |
| • ALGUM CLORÓGENO COMBUSTÍVEL | • 300 - Para TONALINOLIN |
| • ALGUM CLORÓGENO COMBUSTÍVEL | • 400 - Para TONALINOLIN |
| • ALGUM CLORÓGENO COMBUSTÍVEL | • 500 - Para TONALINOLIN |
| • ALGUM CLORÓGENO COMBUSTÍVEL | • 600 - Para TONALINOLIN |
| • ALGUM CLORÓGENO COMBUSTÍVEL | • 700 - Para TONALINOLIN |
| • ALGUM CLORÓGENO COMBUSTÍVEL | • 800 - Para TONALINOLIN |
| • ALGUM CLORÓGENO COMBUSTÍVEL | • 900 - Para TONALINOLIN |
| • ALGUM CLORÓGENO COMBUSTÍVEL | • 1000 - Para TONALINOLIN |

RECOM AMOSTRAS, PEDIDOS E DEMAS INFORMAÇÕES À
COMPANHIA ELETRO QUÍMICA FLUMINENSE

R. JANEIRO, 27 PRESIDENTE VARGAS, 298 - 7.ª AND. TEL. 21-280
R. PRAÇA CARLOS DO REGEMIN, 41 - 24.ª AND. 5-24 - TEL. 2-280

TIJOLOS E PEÇAS REFRATARIAS



para fornos e caldeiras
Ind. Brasileira de Artigos Refratários
"IBAR"

Ruvidão no 880 DE JANEIRO
Avenida Rio Branco, 166-167 andar
Fones 33-2823 e 33-2874

SÃO PAULO
Esplanada R. 12 de Novembro, 225 - 3º andar
Fone: 34-6673 - Ex. Postal: 3210
Depósito: Rua Celso Garcia, 5714 - Fone 9-0214

TRANSATLANTICOS
FRIGORÍFICOS E PARAFRIGORÍFICOS

TRANSATLANTICOS
FRIGORÍFICOS E PARAFRIGORÍFICOS



TRANSATLANTICOS
FRIGORÍFICOS E PARAFRIGORÍFICOS

Av. Presidente Vargas, 477-A - 2.º andar
Rio de Janeiro

Colégio com 40
ALUNOS DE QUÍMICA INDUSTRIAL
para o ano letivo 1967-1968

Laboratório Rio

Análise Microquímica

• Análises químicas gerais em laboratório

• Análises químicas em laboratório

• Análises químicas em laboratório

• Análises químicas em laboratório

• Análises químicas em laboratório

• Análises químicas em laboratório

• Análises químicas em laboratório

• Análises químicas em laboratório

HIPERFOSFATO

O MELHOR NUTRIENTE PARA AS TERRAS DO
BRASIL. FORNECE 27-28 % DE
FOSFORO E 22-24 % DE CÁLCIO

Consultas e informações sobre
subsídios para os

Agentes Exclusivos:

Arthur Vianna
Cia. de Materiais Agrícolas

Av. Brasil, 1000, 20

Fone 22-3000

Caixa Postal 802 - Est. 54 "ALAMEDA"

RIO DE JANEIRO

IMPORTADORES DE
PRODUTOS QUÍMICOS
PARA INDÚSTRIAS
PIGMENTOS
ANILINAS

Soc. MERCANTIL IMPORTADORA Ltda.

RIA ANILIN CORTO, 94

TELEF. 23687

END. TELEGR. SPALIM

RIO DE JANEIRO

The Dow Chemical Company

Midland, Michigan, U.S.A.

Dow Chemical of Canada Limited

Toronto, Canada

Informações:

PRODUTOS QUÍMICOS INDUSTRIAIS

PRODUTOS QUÍMICOS
FARMACÊUTICOS

PRODUTOS AROMÁTICOS

INTERMEDIÁRIOS

RESINAS SINTÉTICAS

Propileno glicol

Trifluoreto glicol

Etanol glicol

Polypropylene glicol

Polyethylene glicol

Cloro de metileno

Triclorometano

Diclorometano

Água de amônia

Amônia

Carbeto

Nitrito de amônio glicolato

Tricloroetileno glicolato

Ácido sulfúrico

Tricloroetileno glicolato

DI - Metileno

Sulfato de amônio DMP e Metano para

soluções de colas
e outras outras matérias plásticas
para todos os indústrias

Representantes para todo o Brasil:

SCHILLING-HILLIER S. A. Industrial e Comercial

Departamento Químico

Caixa Postal 1809

RIO DE JANEIRO

Mil. Paulo

Caixa Postal 400

Paulo. São Paulo

Caixa Postal 400

Belo

Caixa Postal 100

Belo

Caixa Postal 100

USINA VICTOR SENCE S. A.

Fabricadora de "Vidro Comercial"

Comércio de Vidros - Est. de Rio

■

OFICINA DE DESENVOLVIMENTO DE

LABOR - ESTADOS UN. UN.

■

ESCRITÓRIO COMERCIAL

R. do Rosário, 140-Sab.

Tele. 250330 e 45-1407

Telegramas: USVSENCE

RIO DE JANEIRO - D. F.

■

INDÚSTRIA AÇUCAREIRA

ALCOOL

ALCOOL ANIDRIDO

ALCOOL FINESSA EL

■

INDÚSTRIA QUÍMICA

Fabrica de Ácidos Sulfúrico de

Comercialização Brasil e Exterior

ACETONA

BUTANOL NORMAL

ÁCIDO ACÉTICO GLACIAL

ACETATO DE BUTILA

ACETATO DE ETILA

Fábrica Fumo 1000 Nacional



PRODUTOS QUÍMICOS DE QUALIDADE

Representantes nos principais

portos do Brasil

Em São Paulo:

Soc. de Representações e Importadora

SORIBA LTDA.

Rua J. de Barros, 11, sala 10

Tele. 15007 e 15008



Av. Brasil, 200
Cidade Nova, 17111
Teléfixo 44-41011
Telep. Operadora
800 08 140000

Companhia Electroquímica Pan - Americana

Produtos de Nossa Fábrica no Distrito Federal

- | | |
|---------------------------------------------------------------------------|-------------------------------|
| • Soda cáustica eletrolítica | • Ácido clorídrico sintético |
| • Sulfeto de sódio eletrolítico
de elevada pureza, líquido e em massas | • Hipoclorito de sódio |
| • Peróxidos de sódio | • Tricloroetileno (Trisilina) |
| • Ácido clorídrico comercial | • Cloro líquido |
| | • Derivados de sódio em geral |

Sociedade Anônima Paulista de Indústrias Químicas

Grande indústria química "BLUMERIN"
de São Paulo

Fábrica:

Rua dos Ferrovias, 217 - Bairro do Jabaque
Proximidade do Mercado
Velho de Santa Amara



Escritório:

RUA SAUER DE TOULOUSE, N.º 140
3.º andar - C.A.S. 87 - Teléfixo 4-8213
Cidade Postal 3 - Ind. Telep. - "SAPQ"
SÃO PAULO

"OLEO SECATIVO MONTEIRO"
"STANDER - color"
"OLEO APRESTADO PARA PREPARAÇÃO DE TINTAS"
"OLEO SUPER-8"

BLUMERIN

UMA DE PRODOTOS MONTEIRO COM BASE DE
OLIO DE TERNIA, PARA FABRICAÇÃO DE

TINTAS, LACAS E VERNIZES, BARRAS PARA TEBECEROS, PINTO COURO E OUTROS

E MAIS MUITOS OUTROS PRODUTOS:

"RESINA MONTEIRO"
"OLEO ALMOBANTE PARA SACOS"

BLUMERIN

REVISTA DE QUÍMICA INDUSTRIAL

Publicada Periódicamente, desde 1924

Publicada en Inglés, desde 1924, en forma de suplemento

A Química revoluçãona, mais uma vez, a Agricultura

No mês de janeiro último se realizou publicamente o Symposium de Nova York a respeito de uma grande descoberta de químicos do Massachusets. "Tratados dos fertilizantes", produto que indica que, entre outros fertilizantes, poderia ser um fertilizante revoluçãona nos processos agrícolas, resultando ainda mais rápidos para as terras áridas.

Alguns dos nomes ligados, impressionantemente com os termos "descoberta dos revoluçãonaires", se destacam que produziram as informações básicas de momento disponíveis. Os dados que vão a seguir representam, assim, um tratado das primeiras descobertas.

Revisão rápida do tratado, como dizemos em um livro: é uma polimerização, obtida por meio de ácidos. ... que melhora a estrutura molecular do solo. Não é um fertilizante. Contudo é um dos melhores exemplos de como fazer (melhorando a terra árida), desde que se tem o bom tipo de solo.

Foi desenvolvido por Charles Thomas e Charles H. Overton, respectivamente presidente e vice-presidente da Monsanto Chemical Co., uma das grandes indústrias químicas internacionais. Uma companhia possuiu laboratório 200 e 300 mil acres de terra "recolocados" (antes de ser) no período 1910 a 1912 de terreno em espalhados e distribuídos em geral, para estabelecer um programa agrícola, a maior parte do solo é investigado quando nos anos seguintes.

Um projeto de pesquisa, que teve como resultado a revisão, começou finalmente em 1922, o químico Charles Thomas, não podia compreender porque alguns locais de um terreno em áridos, não sempre davam boas colheitas, ao passo que outros solos áridos, não estavam em nenhum caso de terra de fertilização. Não era questão de fertilizantes.

Como se tem a certeza em pesquisas químicas, Harkness, Charles Thomas citam uma investigação fundamental a propósito das diferenças entre solos áridos e não áridos. Alguns locais estavam em solos, mas chegou a qualidade e a estrutura foi muito diferente.

Os pesquisadores não são a trabalhar foi relacionado com Laboratório Central de Pesquisas, em Duxbury. Numa investigação científica se experimenta em plantas. O que se percebeu era essencialmente "construção molecular" diferente para os solos áridos e não áridos, que poderiam produzir os elementos primários de solos áridos e não áridos.

Existência é um dos fatores que controlam

as propriedades físicas do solo, a natureza e a taxa de sua vida. Este último fator refere-se aos fatores de natureza de vida, matéria orgânica e anóxica, a estrutura do solo em termos das partículas elementares, desde elementos em relativamente estáveis agregados.

Uma "boa estrutura" do solo com agregados estáveis, nos terrenos que são de uma natureza de áridos a não áridos, indica que certos materiais de tipo de polimerização foram as partículas elementares agregadas para se fixar previamente ao solo de sua estrutura. Tais substâncias, dependendo natureza, se combinam quando os átomos, moléculas, estruturas cristalinas e produtos químicos se desmontam, pelo desmontamento de terra.

Naturalmente seriam necessárias outras condições de estrutura para produzir uma de polimerização para a maior parte da matéria orgânica se desmonta em moléculas cristalinas e áridas, criando apenas pequenas partes de bases inorgânicas, átomos, pontos de polimerização ou estruturas, para fertilizantes. Os grupos moléculas em suas moléculas e não representa um mecanismo de polimerização.

O trabalho de que se desenvolve e existe um grande número de moléculas para crescer no solo e que fazem os gases naturais, de que incluem, com os compostos de átomos em suas moléculas cristalinas e de um modo peculiar é desenvolvido fertilizantes.

Como podemos explicar as melhores condições "de áridos" em jardins, colheitas para plantas, colheitas, terrenos revoluçãonaires em solos e no resultado é certo.

Tratamos a que áridos em terra. Um solo árido tem 1:1 e é preparado com 10% de terra, 10% de matéria orgânica, 20% de água, 10% de ar e 50% de revoluçãonaires. Indica que fertilizantes revoluçãonaires 100 ml. de terra e solos áridos revoluçãonaires à terra para ser se os mesmos resultados que se consegue com a mesma estrutura.

Outras pesquisas são mais importantes, tanto para a estrutura do solo, como especialmente para regiões áridas dos áridos. É a descoberta de solos que têm resultados áridos em solos áridos, devido pela revoluçãonaires de água de irrigação durante anos de trabalho. Como se formam à terra mais árida, com fertilizantes, embora a água colhe não é fertilizante no solo. Os mesmos solos, terrenos revoluçãonaires se não podem ser utilizados com muito menor rapidez.

No solo árido e árido, a terra pode dar grande sucesso, pois formam um superfície de solo em áridos, que é revoluçãonaires em relação as precipitações e revoluçãonaires de água, e revoluçãonaires a revoluçãonaires das revoluçãonaires do solo e terra, a

continua na pág. 17

Revista Latino-Americana sobre Produção, Distribuição e Utilização de Fertilizantes

Realizada em 4 e 12 de dezembro de 1962 no Rio de Janeiro

Os trabalhos sobre os seguintes assuntos no Rio de Janeiro abrangem os dias 4 e 12 de dezembro de 1962: a) Produção Latino-Americana sobre Produção, Distribuição e Utilização de Fertilizantes, promovida pelo IAEA (Food and Agriculture Organization), Departamento de Nutrientes e Substâncias do Rio de Janeiro.

Além, em novembro de 1962, dois eventos em Montevidéu a respeito de Reuniões Científicas Regionais Latino-Americanas do FAO, que abrangem um documento que serve de base à elaboração do Rio de Janeiro. Inicialmente são dois documentos: "Práticas de Fertilizantes em 10 Países Latino e Médio para América".

3. "Fertilizantes", parte do programa de trabalhos do Rio de Janeiro de Agrônomo do FAO, foi precedido por a importância dos subprodutos em fertilizantes disponíveis para grandes áreas agrícolas. Reunidos dois estudos realizados em termos dos tipos e da distribuição dos produtos de fertilizantes em dois Países: Venezuela Equatorial, estudada no Rio de Janeiro em 1961 e 1962. No último, em Montevideo, apresentamos material sobre eventos locais para 1962, com o Rio de Janeiro dos estudos.

4. primeira Reunião de 1962, para complementar a reunião internacional do Grupo Médio de Trabalho CEPAL-CEA (Comissão Econômica para a América Latina - Organização para a Agricultura e a Alimentação, com o nome "A importância de produtos e de uso dos fertilizantes em regiões tropicais e subtropicais das grandes e pequenas áreas" - CEPAL e a CEA) complementa uma Reunião de Trabalho em Rio de Janeiro, com o objeto de estudar as necessidades das áreas, em conjunto, com projetos existentes, para a construção de produtos de fertilizantes?

Entretanto, apresenta a Reunião do Rio de Janeiro de Agrônomo do FAO, no Brasil, 1962, Paris, Buenos Aires, Espanha, França, Itália, México, Suíça e Estados Unidos de América, 1. Argentina, 2. Brasil e outros países representados através de representantes de Rio de Janeiro representando, respectivamente, Índia, República da França, do Chile, do Brasil e do E. I. A. Organizações e outras organizações e delegações do Brasil Agrônomo, com o formato comum, em a delegação do Chile.

PROGRAMA DOS TRABALHOS

1. programa dos trabalhos em a seguir:

1. de Reuniões de 1962 (Montevideo)
 - 1 - Reunião dos delegados.
 - 2 - Discussão do Livro Verde (FAO).
 - 3 - Discussão do Livro Verde (Brasil).
 - 4 - Reunião de Produção.

2. de Reuniões de 1962 (Montevideo)

- 1 - Reunião de Trabalho de Trabalho
- 2 - Apresentação de Documentos Básicos
 - a) importância para a sua preparação e para sua uso a Reunião.
 - b) Estado de produção - consumo para a região

Internacionais

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)
Que temas nacionais existem para trabalhar no internacional?

Programa nacional de produção

Problemas de aplicação de fertilizantes

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)
1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

Que temas podem ser apresentados para trabalhar no a produção de fertilizantes nacionais?

Reunião a nível de delegados para trabalhar a nível de trabalho científico de trabalho (Rio de Janeiro, Brasil, 1962) - em que tipo de trabalho, trabalho com projetos existentes, de Rio de Janeiro, trabalho de trabalho, sobre "Práticas de Fertilizantes de Trabalho Brasil".

2. de Reuniões de 1962 (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)
1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

Que temas ou assuntos para trabalhar a produção e parte de trabalho regional?

2. - Reuniões de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)
1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

2. - Reuniões de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

1. - Reunião de Trabalho (Montevideo)

o seja quando são encontradas ímpurezas, caracterizadas a través análises de pontos que ocupam um tempo em sua análise aumentado a duas vezes, desde 100 s até 120 s, como se vê.

Os dados do índice viscoso obtido no mesmo sistema é ilustrado por Bairo (1).

CONCLUSÕES GERAIS SOBRE O EFLUÍDO EM LÍQUIDUS (SEGUNDA)

O estudo sobre pontos viscosos que é característico do líquido viscoso não é sempre total. Informações importantes sobre o sistema, como, onde e quando foi obtido e a natureza do gás e das propriedades experimentais do produto se não são rigorosamente conseguidas, é conveniente das propriedades físicas e do comportamento químico de conexão e estabilidade de talar quando descompostos através investigações posteriores.

O fator crucial que tem sido que a maioria de que sistemas se possuem de líquido viscoso de talar natural, se os investigadores profundamente estudo são que tem tomado desde 1 e a 4 o comprimento de onda viscoso atômico, que tem duração, se possuem tempo, e rapidez de quantidade de produto.

Temos uma quantidade grande de outros sistemas

com líquid viscoso característico, no líquido, bastante difícil solúvel por isso um volume $\pm 1\%$. Devidos, se que tem líquid viscoso, indubitável. Alguns exemplos serão dados de líquid, polimericamente a 20°C e durante um período, com agitação mecânica, durante um mês em um molécula difíceis de controlar e para de parte se controla em líquid, e solúvel um líquido gás de solúvel com um papel observado. Os dados característicos do líquido viscoso podem ser usados convenientemente de tempo em tempo, e áreas permeável perceptível de modo em tal, se molécula.

Um outro fator crucial quando se tentamos de caracterizar um líquid viscoso através característicos de líquido viscoso.

Uma quantidade grande de líquido viscoso característico de modo de vapor através 1000°C e quantidade e a natureza de tal, natural molécula através a molécula com tipo de padrões experimentais que através a natureza do parte viscoso através, que molécula parte molécula impureza que molécula das moléculas. O líquido viscoso que parte de que característicos em líquid viscoso a 20 s, só parte de líquido viscoso (2), aqueles líquid, molécula e molécula que possuem as propriedades de molécula viscoso através.

A caracterização de outros característicos de líquido viscoso e de um sistema natural, como se obtém sobre



Fig. 3.—Uma amostra de líquido viscoso produzido pelo método da Frazee, do tipo "Vulcan, Gumitec and Sup", W. A. Frazee.

as propriedades físicas e químicas, e serem quantidades e quantidades de líquido, e solúvel em tal, de pressão característicos de líquido, se molécula de modo e de líquido viscoso, se molécula através parte viscoso quantidade tempo para a líquido viscoso quando parte a molécula (1), e a natureza das viscosas com a molécula (2) e a natureza de tal, se molécula das moléculas através se molécula de comprimento químico parte viscoso e molécula.

Instituições de molécula e através moléculas da natureza que são parte a molécula molécula de líquido viscoso (1) se molécula a natureza de molécula de molécula através molécula (Fig. 3).

Quando molécula a molécula viscoso impureza parte natureza característicos e moléculas (1), a natureza de um molécula de molécula através um líquido viscoso, por isso, molécula através parte a molécula.

PARTE EXPERIMENTAL

Instituições tal, tal, molécula se molécula através de Frazee, molécula de molécula através se moléculas um molécula com molécula através se molécula através molécula, a molécula das moléculas moléculas a molécula através, com a molécula de molécula e molécula de líquido viscoso.

FIG. 1. (See text.)

The first of 1000 was available after 10 days of culture. Additional pairs (approximately the same number) were produced and kept for use as required.

Preparation of media.
Leishman's—manno glucose with 1% of iron.
Chitt's—potassium.
Chitt's—potassium.
 Specimens are later exposed to sunlight for the purpose of drying. It is noted that the medium should be kept in a dark place for 24 hours before use. It is also noted that the medium should be kept in a dark place for 24 hours before use.

Specimens available for preparation of culture of medium are shown in figure 1. The medium is prepared in a dark place for 24 hours before use. It is also noted that the medium should be kept in a dark place for 24 hours before use.

The medium is prepared in a dark place for 24 hours before use. It is also noted that the medium should be kept in a dark place for 24 hours before use.

The medium is prepared in a dark place for 24 hours before use. It is also noted that the medium should be kept in a dark place for 24 hours before use.

The medium is prepared in a dark place for 24 hours before use. It is also noted that the medium should be kept in a dark place for 24 hours before use.

The medium is prepared in a dark place for 24 hours before use. It is also noted that the medium should be kept in a dark place for 24 hours before use.



FIG. 1.—Specimens of parasites available for preparation of medium.

medium available for use as required. Specimens for use as required.

CASE 2

Specimens of parasites available for preparation of medium are shown in figure 2. The medium is prepared in a dark place for 24 hours before use. It is also noted that the medium should be kept in a dark place for 24 hours before use.



FIG. 2.—Specimens of parasites available for preparation of medium.



Fig. 2. Amostra de polimerização de gás expulso no caso "normal".

CONCLUSÃO

É sabido que todo material, sob pressão de 1000 atm e, portanto, se propagação, a temperatura e o tempo de reação elevados, modifica-se e se apresenta de maneira diferente dos materiais puros que se encontram sob as condições de pressão e de temperatura respectivas, ou de pressão, ou temperatura de um sistema isolado, ou combinação de ambas e em outros casos isolados. As propriedades experimentais decorrem e aplicam-se desde esse caso realista.

REFERÊNCIAS

1. P. H. Plesch, *Chemistry of Carbon*, v. 2, 1952.

2. *Encyclopedia of Chemistry*, de F. G. A. Stone, Ed., Interscience, Inc., New York, 1950, vol. 10, p. 400.
3. *Encyclopedia of Chemistry*, de F. G. A. Stone, Ed., Interscience, Inc., New York, 1950, vol. 10, p. 400.
4. *Encyclopedia of Chemistry*, de F. G. A. Stone, Ed., Interscience, Inc., New York, 1950, vol. 10, p. 400.
5. *Encyclopedia of Chemistry*, de F. G. A. Stone, Ed., Interscience, Inc., New York, 1950, vol. 10, p. 400.
6. *Encyclopedia of Chemistry*, de F. G. A. Stone, Ed., Interscience, Inc., New York, 1950, vol. 10, p. 400.
7. *Encyclopedia of Chemistry*, de F. G. A. Stone, Ed., Interscience, Inc., New York, 1950, vol. 10, p. 400.
8. *Encyclopedia of Chemistry*, de F. G. A. Stone, Ed., Interscience, Inc., New York, 1950, vol. 10, p. 400.
9. *Encyclopedia of Chemistry*, de F. G. A. Stone, Ed., Interscience, Inc., New York, 1950, vol. 10, p. 400.
10. *Encyclopedia of Chemistry*, de F. G. A. Stone, Ed., Interscience, Inc., New York, 1950, vol. 10, p. 400.
11. *Encyclopedia of Chemistry*, de F. G. A. Stone, Ed., Interscience, Inc., New York, 1950, vol. 10, p. 400.
12. *Encyclopedia of Chemistry*, de F. G. A. Stone, Ed., Interscience, Inc., New York, 1950, vol. 10, p. 400.
13. *Encyclopedia of Chemistry*, de F. G. A. Stone, Ed., Interscience, Inc., New York, 1950, vol. 10, p. 400.
14. *Encyclopedia of Chemistry*, de F. G. A. Stone, Ed., Interscience, Inc., New York, 1950, vol. 10, p. 400.
15. *Encyclopedia of Chemistry*, de F. G. A. Stone, Ed., Interscience, Inc., New York, 1950, vol. 10, p. 400.
16. *Encyclopedia of Chemistry*, de F. G. A. Stone, Ed., Interscience, Inc., New York, 1950, vol. 10, p. 400.
17. *Encyclopedia of Chemistry*, de F. G. A. Stone, Ed., Interscience, Inc., New York, 1950, vol. 10, p. 400.
18. *Encyclopedia of Chemistry*, de F. G. A. Stone, Ed., Interscience, Inc., New York, 1950, vol. 10, p. 400.
19. *Encyclopedia of Chemistry*, de F. G. A. Stone, Ed., Interscience, Inc., New York, 1950, vol. 10, p. 400.
20. *Encyclopedia of Chemistry*, de F. G. A. Stone, Ed., Interscience, Inc., New York, 1950, vol. 10, p. 400.
21. *Encyclopedia of Chemistry*, de F. G. A. Stone, Ed., Interscience, Inc., New York, 1950, vol. 10, p. 400.
22. *Encyclopedia of Chemistry*, de F. G. A. Stone, Ed., Interscience, Inc., New York, 1950, vol. 10, p. 400.
23. *Encyclopedia of Chemistry*, de F. G. A. Stone, Ed., Interscience, Inc., New York, 1950, vol. 10, p. 400.
24. *Encyclopedia of Chemistry*, de F. G. A. Stone, Ed., Interscience, Inc., New York, 1950, vol. 10, p. 400.
25. *Encyclopedia of Chemistry*, de F. G. A. Stone, Ed., Interscience, Inc., New York, 1950, vol. 10, p. 400.

RECEBIDA EM 1954

REVISÃO RECEBIDA EM 1954

		1954	1954	1954	1954
MATERIAIS	Carbono	1000	1000	1000	1000
	Polímero	1000	1000	1000	1000
	Polímero	1000	1000	1000	1000
	Polímero	1000	1000	1000	1000
MATERIAIS	Carbono	1000	1000	1000	1000
	Polímero	1000	1000	1000	1000
	Polímero	1000	1000	1000	1000
	Polímero	1000	1000	1000	1000
MATERIAIS	Carbono	1000	1000	1000	1000
	Polímero	1000	1000	1000	1000
	Polímero	1000	1000	1000	1000
	Polímero	1000	1000	1000	1000
MATERIAIS	Carbono	1000	1000	1000	1000
	Polímero	1000	1000	1000	1000
	Polímero	1000	1000	1000	1000
	Polímero	1000	1000	1000	1000
MATERIAIS	Carbono	1000	1000	1000	1000
	Polímero	1000	1000	1000	1000
	Polímero	1000	1000	1000	1000
	Polímero	1000	1000	1000	1000

Medidas de combate à escassez de enxôfre

As medidas de combate contra a escassez de enxôfre em 1944 foram uma combinação cuidadosamente planejada de medidas de controle. Uma parte da medida era aumentar em grande parte, em 100 milhões galões, a taxa de produção.

Outras medidas consistiam em limitar a produção de enxôfre sintético a produção de enxôfre natural, em que foram tomadas as seguintes medidas: (1) limitar a produção de enxôfre sintético a produção de enxôfre natural, (2) limitar a produção de enxôfre sintético a produção de enxôfre natural, (3) limitar a produção de enxôfre sintético a produção de enxôfre natural.

Além disso, foram tomadas as seguintes medidas: (1) limitar a produção de enxôfre sintético a produção de enxôfre natural, (2) limitar a produção de enxôfre sintético a produção de enxôfre natural, (3) limitar a produção de enxôfre sintético a produção de enxôfre natural.

Com estas medidas, a produção de enxôfre em 1944 foi aumentada em 100 milhões galões, o que foi suficiente para atender a demanda de 100 milhões galões.

Além disso, foram tomadas as seguintes medidas: (1) limitar a produção de enxôfre sintético a produção de enxôfre natural, (2) limitar a produção de enxôfre sintético a produção de enxôfre natural, (3) limitar a produção de enxôfre sintético a produção de enxôfre natural.

Além disso, foram tomadas as seguintes medidas: (1) limitar a produção de enxôfre sintético a produção de enxôfre natural, (2) limitar a produção de enxôfre sintético a produção de enxôfre natural, (3) limitar a produção de enxôfre sintético a produção de enxôfre natural.

As medidas de controle foram tomadas em grande parte para garantir a produção de enxôfre sintético a produção de enxôfre natural.

Além disso, foram tomadas as seguintes medidas: (1) limitar a produção de enxôfre sintético a produção de enxôfre natural, (2) limitar a produção de enxôfre sintético a produção de enxôfre natural, (3) limitar a produção de enxôfre sintético a produção de enxôfre natural.

Além disso, foram tomadas as seguintes medidas: (1) limitar a produção de enxôfre sintético a produção de enxôfre natural, (2) limitar a produção de enxôfre sintético a produção de enxôfre natural, (3) limitar a produção de enxôfre sintético a produção de enxôfre natural.

Além disso, foram tomadas as seguintes medidas: (1) limitar a produção de enxôfre sintético a produção de enxôfre natural, (2) limitar a produção de enxôfre sintético a produção de enxôfre natural, (3) limitar a produção de enxôfre sintético a produção de enxôfre natural.

Além disso, foram tomadas as seguintes medidas: (1) limitar a produção de enxôfre sintético a produção de enxôfre natural, (2) limitar a produção de enxôfre sintético a produção de enxôfre natural, (3) limitar a produção de enxôfre sintético a produção de enxôfre natural.

Além disso, foram tomadas as seguintes medidas: (1) limitar a produção de enxôfre sintético a produção de enxôfre natural, (2) limitar a produção de enxôfre sintético a produção de enxôfre natural, (3) limitar a produção de enxôfre sintético a produção de enxôfre natural.

Além disso, foram tomadas as seguintes medidas: (1) limitar a produção de enxôfre sintético a produção de enxôfre natural, (2) limitar a produção de enxôfre sintético a produção de enxôfre natural, (3) limitar a produção de enxôfre sintético a produção de enxôfre natural.

1. National Bureau of Economic Research, <i>Report on the Production of Sulfur</i> , p. 101 (1944), <i>Chem. Abstracts</i> , 39, 101 (1944).	16. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).
2. American Chemical Society, <i>Chemical Abstracts</i> , 39, 101 (1944).	17. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).
3. <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).	18. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).
4. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).	19. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).
5. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).	20. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).
6. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).	21. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).
7. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).	22. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).
8. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).	23. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).
9. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).	24. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).
10. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).	25. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).
11. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).	26. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).
12. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).	27. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).
13. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).	28. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).
14. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).	29. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).
15. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).	30. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).
31. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).	31. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).
32. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).	32. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).
33. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).	33. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).
34. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).	34. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).
35. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).	35. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).
36. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).	36. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).
37. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).	37. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).
38. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).	38. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).
39. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).	39. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).
40. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).	40. Lohr, E., <i>Ind. Eng. Chem. Anal. Ed.</i> , 16, 101 (1944).

Os elementos metálicos nos sulfatos

MEMÓRIA DO LABORATÓRIO
DE QUÍMICA ANALÍTICA DO INSTITUTO

Em uma de nossas antigas palestras de química orgânica, tivemos a oportunidade de apresentar a alguns químicos de renome a respeito da nova nomenclatura para os sais, substituindo as substituições das plantas, e que são conhecidas com o nome de sais metálicos.

Desde há pouco tempo os investigadores metálicos utilizam a nomenclatura dos sais, e os nomes baseados no sistema que hoje é em voga são os seguintes: os sulfatos de metais, e os sais correspondentes a substituições de átomos de hidrogênio.

Segundo, então, disse, há os sulfatos de metais correspondentes aos sais e que se escrevem com o nome do metal com o prefixo sulfato, como seria correspondente ao nome de hidrogenossulfato.

A primeira de substituições dos átomos dos sulfatos, a substituição de dois átomos de hidrogênio dos grupos sulfato, os chamamos hidrogenossulfatos, e os outros sulfatos de dois átomos de hidrogênio substituídos pelos átomos dos metais.

Esses sulfatos, os chamamos, dependendo das condições experimentais de cada sulfato, e são os que utilizamos para preparar os sais metálicos, metais, óxidos e sulfatos metálicos.

Desde o nome sulfato de metais, os sulfatos de metais de dois átomos de hidrogênio substituídos por átomos de metais, os chamamos sulfatos de metais, e os outros sulfatos de dois átomos de hidrogênio substituídos por átomos de metais.

Desde então, substituímos o nome de sulfato de metais, e substituímos, segundo as regras, o nome de substituição metálica, como de hidrogenossulfato de metais, e os outros sulfatos de metais.

Ainda os chamamos de sulfatos de metais, e os outros sulfatos de metais, e os outros sulfatos de metais, e os outros sulfatos de metais.

Segundo, então, disse, há os sulfatos de metais, e os outros sulfatos de metais, e os outros sulfatos de metais, e os outros sulfatos de metais.

Desde então, substituímos o nome de sulfato de metais, e substituímos, segundo as regras, o nome de substituição metálica, como de hidrogenossulfato de metais, e os outros sulfatos de metais.

Desde então, substituímos o nome de sulfato de metais, e substituímos, segundo as regras, o nome de substituição metálica, como de hidrogenossulfato de metais, e os outros sulfatos de metais.

Desde então, substituímos o nome de sulfato de metais, e substituímos, segundo as regras, o nome de substituição metálica, como de hidrogenossulfato de metais, e os outros sulfatos de metais.

Desde então, substituímos o nome de sulfato de metais, e substituímos, segundo as regras, o nome de substituição metálica, como de hidrogenossulfato de metais, e os outros sulfatos de metais.

Desde então, substituímos o nome de sulfato de metais, e substituímos, segundo as regras, o nome de substituição metálica, como de hidrogenossulfato de metais, e os outros sulfatos de metais.



C₁ 26.94.82

C₂ 26.94.82

Elementos de sulfato

Desde então, substituímos o nome de sulfato de metais, e substituímos, segundo as regras, o nome de substituição metálica, como de hidrogenossulfato de metais, e os outros sulfatos de metais.

Desde então, substituímos o nome de sulfato de metais, e substituímos, segundo as regras, o nome de substituição metálica, como de hidrogenossulfato de metais, e os outros sulfatos de metais.

Desde então, substituímos o nome de sulfato de metais, e substituímos, segundo as regras, o nome de substituição metálica, como de hidrogenossulfato de metais, e os outros sulfatos de metais.

Desde então, substituímos o nome de sulfato de metais, e substituímos, segundo as regras, o nome de substituição metálica, como de hidrogenossulfato de metais, e os outros sulfatos de metais.

Desde então, substituímos o nome de sulfato de metais, e substituímos, segundo as regras, o nome de substituição metálica, como de hidrogenossulfato de metais, e os outros sulfatos de metais.

1927.1.1.1.1

Desde então, substituímos o nome de sulfato de metais, e substituímos, segundo as regras, o nome de substituição metálica, como de hidrogenossulfato de metais, e os outros sulfatos de metais.

Desde então, substituímos o nome de sulfato de metais, e substituímos, segundo as regras, o nome de substituição metálica, como de hidrogenossulfato de metais, e os outros sulfatos de metais.

Desde então, substituímos o nome de sulfato de metais, e substituímos, segundo as regras, o nome de substituição metálica, como de hidrogenossulfato de metais, e os outros sulfatos de metais.

Perfumaria e Cosmética

Desidratação com levedura de cerveja

Desidratação com levedura de cerveja

Esta técnica desidrata frutadas ou levedas de cereais. Foram publicados nos anos 1914, por Albert Weiss de Ingolstadt (Alemanha), U.S. Pat. nos. 1.184.074. As características são: a) a taxa de água, dependendo a ser feita, depende da quantidade de levedura e do tempo de fermentação; b) a taxa de água depende da temperatura de secura.

Medida é uma percentagem que possui grupos permeabilizantes no material a sequestrar, a taxa depende, porém, da taxa de água disponível.

A temperatura do líquido a ser sequestrado de maneira que a taxa de secura depende da taxa de água disponível. A taxa de secura depende da taxa de água disponível. A taxa de secura depende da taxa de água disponível.

Os desidratados com levedura são desidratados a 100°C em água de secura em recipientes de vidro, incluindo-se água para a taxa de secura de 100%.

Como os produtos são desidratados em água, a taxa de secura depende da taxa de água disponível. A taxa de secura depende da taxa de água disponível.

Desidratação com levedura de cerveja

A taxa de secura depende da taxa de secura disponível de levedura que se sequestra. A taxa de secura depende da taxa de água disponível.

Esta desidratadora é feita para sequestrar a levedura de cerveja. O produto, portanto, é a levedura de cerveja.

O levedura de cerveja é a levedura de cerveja. A taxa de secura depende da taxa de secura disponível de levedura de cerveja. A taxa de secura depende da taxa de água disponível.

Como a levedura de cerveja é desidratada em água, a taxa de secura depende da taxa de água disponível. A taxa de secura depende da taxa de água disponível.

A taxa de secura depende da taxa de secura disponível de levedura de cerveja. A taxa de secura depende da taxa de água disponível.

Como a levedura de cerveja é desidratada em água, a taxa de secura depende da taxa de água disponível. A taxa de secura depende da taxa de água disponível.

A taxa de secura depende da taxa de secura disponível de levedura de cerveja. A taxa de secura depende da taxa de água disponível.

Os desidratados são a levedura de cerveja. A taxa de secura depende da taxa de secura disponível de levedura de cerveja.

Como a levedura de cerveja é desidratada em água, a taxa de secura depende da taxa de água disponível. A taxa de secura depende da taxa de água disponível.

Desidratação com levedura de cerveja

A taxa de secura depende da taxa de secura disponível de levedura de cerveja. A taxa de secura depende da taxa de água disponível.

Como a levedura de cerveja é desidratada em água, a taxa de secura depende da taxa de água disponível. A taxa de secura depende da taxa de água disponível.

A taxa de secura depende da taxa de secura disponível de levedura de cerveja. A taxa de secura depende da taxa de água disponível.

Desidratação de levedura

Desidratação de levedura. A taxa de secura depende da taxa de secura disponível de levedura de cerveja. A taxa de secura depende da taxa de água disponível.

Como a levedura de cerveja é desidratada em água, a taxa de secura depende da taxa de água disponível. A taxa de secura depende da taxa de água disponível.

A taxa de secura depende da taxa de secura disponível de levedura de cerveja. A taxa de secura depende da taxa de água disponível.

Como a levedura de cerveja é desidratada em água, a taxa de secura depende da taxa de água disponível. A taxa de secura depende da taxa de água disponível.

Produtos Químicos

Produção de glicolato de etílico a partir de destreose

Processo químico para a produção de glicolato de etílico a partir de destreose. A taxa de secura depende da taxa de secura disponível de destreose.

A taxa de secura depende da taxa de secura disponível de destreose. A taxa de secura depende da taxa de água disponível.

Como a destreose é desidratada em água, a taxa de secura depende da taxa de água disponível. A taxa de secura depende da taxa de água disponível.

A taxa de secura depende da taxa de secura disponível de destreose. A taxa de secura depende da taxa de água disponível.

Como a destreose é desidratada em água, a taxa de secura depende da taxa de água disponível. A taxa de secura depende da taxa de água disponível.

A taxa de secura depende da taxa de secura disponível de destreose. A taxa de secura depende da taxa de água disponível.

Como a destreose é desidratada em água, a taxa de secura depende da taxa de água disponível. A taxa de secura depende da taxa de água disponível.

Os dirigentes controla a qualidade de aprendizagem, desenvolvendo programas específicos para cada nível.

O Sr. Filipe Clemente, diretor de assuntos administrativos e controle de qualidade, que já participou a convite da SENAI, em diversas reuniões, destaca a im-

portância de promover os cursos técnicos de nível médio e de nível superior, visando sempre para a criação de cursos de nível superior, para garantir o nível de qualidade educacional, mesmo se oferecermos cursos das áreas em que temos, atualmente, instituições e cursos, mantendo sempre.

Desde o ano 1960, instituiu-se nos cursos de nível superior que desenvolvem os cursos de nível médio, desenvolvendo os cursos para nível superior sempre que se apresenta a oportunidade, em nível de nível médio, desenvolvendo cursos superiores, que se apresentam, também, em nível de nível médio, buscando a criação de cursos de nível superior de nível médio.

Técnicos titulaes do SENAI premiados com bolsas de estudo no estrangeiro

Dois técnicos foram premiados com bolsas de estudo para estudar no exterior através da União Técnica de Indústrias Químicas e Têxtil de MOGII, foram premiados com bolsas de estudo no estrangeiro através da entidade controladora, para estudar, cada um, em diferentes países, depois de estudar no ensino técnico.

Os primeiros alunos premiados foram Sr. Cleber Vitor do Carmelo, estudante de nível "Técnico 1.º", e estudou em São Paulo, e Sr. S. S., respectivamente, cada um de estudos no Departamento de Química da Universidade de São Paulo, onde se encontram em estadiamento atual.

Os dois alunos são os Sr. José Roberto Rodrigues e Luiz Saporito, o primeiro do Estado de São Paulo e o segundo do Pernambuco, destacando-se com oitavo de cada um e obtendo os títulos de Técnico em Engenharia, cada um, respectivamente em administração e em engenharia industrial, tendo o primeiro destacado em várias disciplinas, tendo como especialidade a desenvolvimento de alta velocidade durante os estudos, no campo de tecnologia industrial de



uma indústria de produtos químicos. No curso de nível médio, foram premiados os estudantes Sr. José Roberto Rodrigues e Luiz Saporito.

Estes alunos foram premiados com bolsas de estudo para estudar no exterior através da União Técnica de Indústrias Químicas e Têxtil de MOGII.

Concertos sinfônicos para os trabalhadores

Tudo se deu a nível do Centro de Cultura e Recreio, que realizou um concerto sinfônico de nível médio, com o objetivo de promover a cultura entre os trabalhadores.

O Sr. José Roberto Rodrigues, diretor de assuntos administrativos e controle de qualidade, que já participou a convite da SENAI, em diversas reuniões, destaca a im-

portância de promover os cursos técnicos de nível médio e de nível superior, visando sempre para a criação de cursos de nível superior, para garantir o nível de qualidade educacional, mesmo se oferecermos cursos das áreas em que temos, atualmente, instituições e cursos, mantendo sempre.

Desde o ano 1960, instituiu-se nos cursos de nível superior que desenvolvem os cursos de nível médio, desenvolvendo os cursos para nível superior sempre que se apresenta a oportunidade, em nível de nível médio, desenvolvendo cursos superiores, que se apresentam, também, em nível de nível médio, buscando a criação de cursos de nível superior de nível médio.

Brasileiro contemplado com bolsa de estudo nos Estados Unidos

Vai-se assim ao Estado Unidos o primeiro paulista do Instituto Brasileiro que irá contemplar uma bolsa de estudos durante dois anos, graças ao Brasil Oil Company (New Jersey).

Dr. H. B. Matthews, que é diretor do Departamento de Engenharia Industrial do Instituto Brasileiro de São Paulo, foi escolhido de entre os candidatos de nível nacional, através do Conselho Superior Nacional de Engenharia do Instituto Brasileiro de São Paulo e uma representação do Instituto Oil Company do Brasil através de seus pais, os senhores paulistas.

Dr. Matthews permanecerá por dois no Instituto de São Paulo durante o curso de aperfeiçoamento em técnicas modernas de Engenharia de São Paulo através do Instituto de Harvard.

Uma Bolsa Internacional Como que parte integrante das atividades do Brasil Oil Company de São Paulo, o curso de aperfeiçoamento em técnicas modernas de Engenharia de São Paulo através do Instituto de Harvard.



O Dr. Henrique Balthazar recebe de Dr. H. B. Matthews, diretor do Instituto Oil Company do Brasil, a bolsa contemplativa em nome do Brasil Oil Company para estudar técnicas modernas de Engenharia, no Instituto de Harvard, quando retornar.

ARGENTINA

Comércio Internacional — Estabelece o Ministério de Indústria e Comércio o regulamento de importação de bens utilizados na fabricação de bens e grandes indústrias de exportação de produtos de alto valor.

Uma nova legislação para permitir a importação de bens utilizados na fabricação de bens e grandes indústrias de exportação de produtos de alto valor, foi aprovada pelo Conselho Superior Nacional de Engenharia do Instituto Brasileiro de São Paulo e uma representação do Instituto Oil Company do Brasil através de seus pais, os senhores paulistas. Dr. H. B. Matthews, que é diretor do Departamento de Engenharia Industrial do Instituto Brasileiro de São Paulo, foi escolhido de entre os candidatos de nível nacional, através do Conselho Superior Nacional de Engenharia do Instituto Brasileiro de São Paulo e uma representação do Instituto Oil Company do Brasil através de seus pais, os senhores paulistas. Dr. Matthews permanecerá por dois no Instituto de São Paulo durante o curso de aperfeiçoamento em técnicas modernas de Engenharia de São Paulo através do Instituto de Harvard.

BRASIL

AGRICULTURA

Ministério da Agricultura — O Ministério da Agricultura do Brasil, através do Departamento de Engenharia de São Paulo, foi escolhido de entre os candidatos de nível nacional, através do Conselho Superior Nacional de Engenharia do Instituto Brasileiro de São Paulo e uma representação do Instituto Oil Company do Brasil através de seus pais, os senhores paulistas.

Dr. H. B. Matthews, que é diretor do Departamento de Engenharia Industrial do Instituto Brasileiro de São Paulo, foi escolhido de entre os candidatos de nível nacional, através do Conselho Superior Nacional de Engenharia do Instituto Brasileiro de São Paulo e uma representação do Instituto Oil Company do Brasil através de seus pais, os senhores paulistas.

Dr. H. B. Matthews, que é diretor do Departamento de Engenharia Industrial do Instituto Brasileiro de São Paulo, foi escolhido de entre os candidatos de nível nacional, através do Conselho Superior Nacional de Engenharia do Instituto Brasileiro de São Paulo e uma representação do Instituto Oil Company do Brasil através de seus pais, os senhores paulistas.

Dr. H. B. Matthews, que é diretor do Departamento de Engenharia Industrial do Instituto Brasileiro de São Paulo, foi escolhido de entre os candidatos de nível nacional, através do Conselho Superior Nacional de Engenharia do Instituto Brasileiro de São Paulo e uma representação do Instituto Oil Company do Brasil através de seus pais, os senhores paulistas.

Dr. H. B. Matthews, que é diretor do Departamento de Engenharia Industrial do Instituto Brasileiro de São Paulo, foi escolhido de entre os candidatos de nível nacional, através do Conselho Superior Nacional de Engenharia do Instituto Brasileiro de São Paulo e uma representação do Instituto Oil Company do Brasil através de seus pais, os senhores paulistas.

Dr. H. B. Matthews, que é diretor do Departamento de Engenharia Industrial do Instituto Brasileiro de São Paulo, foi escolhido de entre os candidatos de nível nacional, através do Conselho Superior Nacional de Engenharia do Instituto Brasileiro de São Paulo e uma representação do Instituto Oil Company do Brasil através de seus pais, os senhores paulistas.

Dr. H. B. Matthews, que é diretor do Departamento de Engenharia Industrial do Instituto Brasileiro de São Paulo, foi escolhido de entre os candidatos de nível nacional, através do Conselho Superior Nacional de Engenharia do Instituto Brasileiro de São Paulo e uma representação do Instituto Oil Company do Brasil através de seus pais, os senhores paulistas.

Dr. H. B. Matthews, que é diretor do Departamento de Engenharia Industrial do Instituto Brasileiro de São Paulo, foi escolhido de entre os candidatos de nível nacional, através do Conselho Superior Nacional de Engenharia do Instituto Brasileiro de São Paulo e uma representação do Instituto Oil Company do Brasil através de seus pais, os senhores paulistas.

ESTADOS UNIDOS

Dr. H. B. Matthews, que é diretor do Departamento de Engenharia Industrial do Instituto Brasileiro de São Paulo, foi escolhido de entre os candidatos de nível nacional, através do Conselho Superior Nacional de Engenharia do Instituto Brasileiro de São Paulo e uma representação do Instituto Oil Company do Brasil através de seus pais, os senhores paulistas.

BRASIL

Dr. H. B. Matthews, que é diretor do Departamento de Engenharia Industrial do Instituto Brasileiro de São Paulo, foi escolhido de entre os candidatos de nível nacional, através do Conselho Superior Nacional de Engenharia do Instituto Brasileiro de São Paulo e uma representação do Instituto Oil Company do Brasil através de seus pais, os senhores paulistas.

QUÍMICA DE DELCEZA

Vendemos conjuntos de máquinas e aparelhos para fabricação de cremas de leite e outros produtos a quente, com automatismo e equipamentos elétricos.

Cartão para A/C da Associação S-200

INDÚSTRIA DE QUÍMICA INDUSTRIAL

Rua Amador Batista, 20-40

Tel. 42-1722

Rio de Janeiro

PRODUTOS QUANTITIVOS

Vendemos os produtos que se encontram sempre em quantidade. As mercadorias que são de maior consumo de indústria, em sua maior variedade ou que podem apresentar um padrão.

PRODUTOS QUANTITATIVOS SÃO ATENDIDOS EM SEPARADO EM QUANTIDADE

Produtos para Indústria

MATERIAS PRIMAS

PROCESSOS QUÍMICOS

ESPECIALIDADES

Ácido de enxofre
 Sulfato de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Sulfato de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Sulfato de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de fosfórico
 Fosfato de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Fosfato de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de níquel
 Níquel de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Níquel de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de alumínio
 Alumínio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Alumínio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de cálcio
 Cálcio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Cálcio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de sódio
 Sódio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Sódio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de potássio
 Potássio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Potássio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de zinco
 Zinco de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Zinco de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de magnésio
 Magnésio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Magnésio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de cobalto
 Cobalto de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Cobalto de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de ferro
 Ferro de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Ferro de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de manganês
 Manganês de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Manganês de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de níquel
 Níquel de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Níquel de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de alumínio
 Alumínio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Alumínio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de cálcio
 Cálcio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Cálcio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de sódio
 Sódio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Sódio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de potássio
 Potássio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Potássio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de zinco
 Zinco de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Zinco de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de magnésio
 Magnésio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Magnésio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de cobalto
 Cobalto de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Cobalto de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de níquel
 Níquel de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Níquel de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de alumínio
 Alumínio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Alumínio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de cálcio
 Cálcio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Cálcio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de sódio
 Sódio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Sódio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de potássio
 Potássio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Potássio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de zinco
 Zinco de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Zinco de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de magnésio
 Magnésio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Magnésio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de cobalto
 Cobalto de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Cobalto de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de níquel
 Níquel de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Níquel de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de alumínio
 Alumínio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Alumínio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de cálcio
 Cálcio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Cálcio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de sódio
 Sódio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Sódio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de potássio
 Potássio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Potássio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de zinco
 Zinco de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Zinco de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de magnésio
 Magnésio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Magnésio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de cobalto
 Cobalto de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Cobalto de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de níquel
 Níquel de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Níquel de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de alumínio
 Alumínio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Alumínio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de cálcio
 Cálcio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Cálcio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

Ácido de sódio
 Sódio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722. Sódio de S. — C. P. 200 — Ao Rio de Janeiro, 20-40, 17-1722.

MATÉRIAS PRIMAS

DE TODAS AS PROCEDÊNCIAS



ACETOS e DERIVADOS
ÁLCOOL ETÍLICO DE 90%
CULORAS
GLICERINA
ISOPROPIL
NITRATO
SOLUÇÕES QUÍMICAS
SÓLIDOS QUÍMICOS
ÓLEO DE LINHAÇA

para distribuição em todo o território brasileiro, através de distribuidores

QUIMBRASIL - QUÍMICA INDUSTRIAL BRASILEIRA S. A.

R. SÃO BENTO, 88 - 101 ANDAR - C. P. FORTAL PINA - São Paulo - SP - BRASIL
FILIAIS E REPRESENTANTES NAS PRINCIPAIS CIDADES DO BRASIL E EM PAÍSES VIZINHOS

QUIMBRASIL - QUÍMICA INDUSTRIAL BRASILEIRA S. A.

R. SÃO BENTO, 88 - 101 ANDAR - C. P. FORTAL PINA - São Paulo - SP - BRASIL
FILIAIS E REPRESENTANTES NAS PRINCIPAIS CIDADES DO BRASIL E EM PAÍSES VIZINHOS

